



BOLETIM

GEOCORRENTE

02 de junho de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 140

Os desafios com a logística do hidrogênio e os meios para mitigação do CO₂

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



BOLETIM

GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando responder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

JOSÉ MARTINS RODRIGUES JUNIOR (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELA PAULUCCI DA HORA VIANA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (EGN)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
5G no Cone Sul: os casos do Chile e da Argentina	5	Novos ventos, mesmas águas: o desafio da península coreana à administração Biden	12
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		O papel do Mar do Sul da China nas relações sino-vietnamitas	13
A estratégia dos EUA para o Indo-Pacífico como instrumento político para a América do Sul	6	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Crise política em El Salvador e seus impactos na política internacional.....	7	ASEAN e o golpe em Mianmar: pressão pela redemocratização?	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
O novo Porto de Lamu e os impactos econômicos e políticos para o Leste Africano.....	8	A Antártica como laboratório para exploração da Lua e de Marte	15
EUROPA		12ª Reunião Ministerial do Conselho do Ártico: conquistas e novos desafios para a presidência russa	15
A modernização do poder naval português a partir de sua indústria de Defesa.....	9	TEMAS ESPECIAIS	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Os desafios com a logística do hidrogênio e os meios para mitigação do CO ₂	16
Israel e Palestina: os novos modos de se fazer a guerra nos conflitos modernos	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	17
RÚSSIA & Ex-URSS		Calendário Geocorrente.....	17
Nord Stream 2: oportunidade ou ameaça à segurança energética europeia.....	11	Referências.....	18
		Mapa de Riscos.....	19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

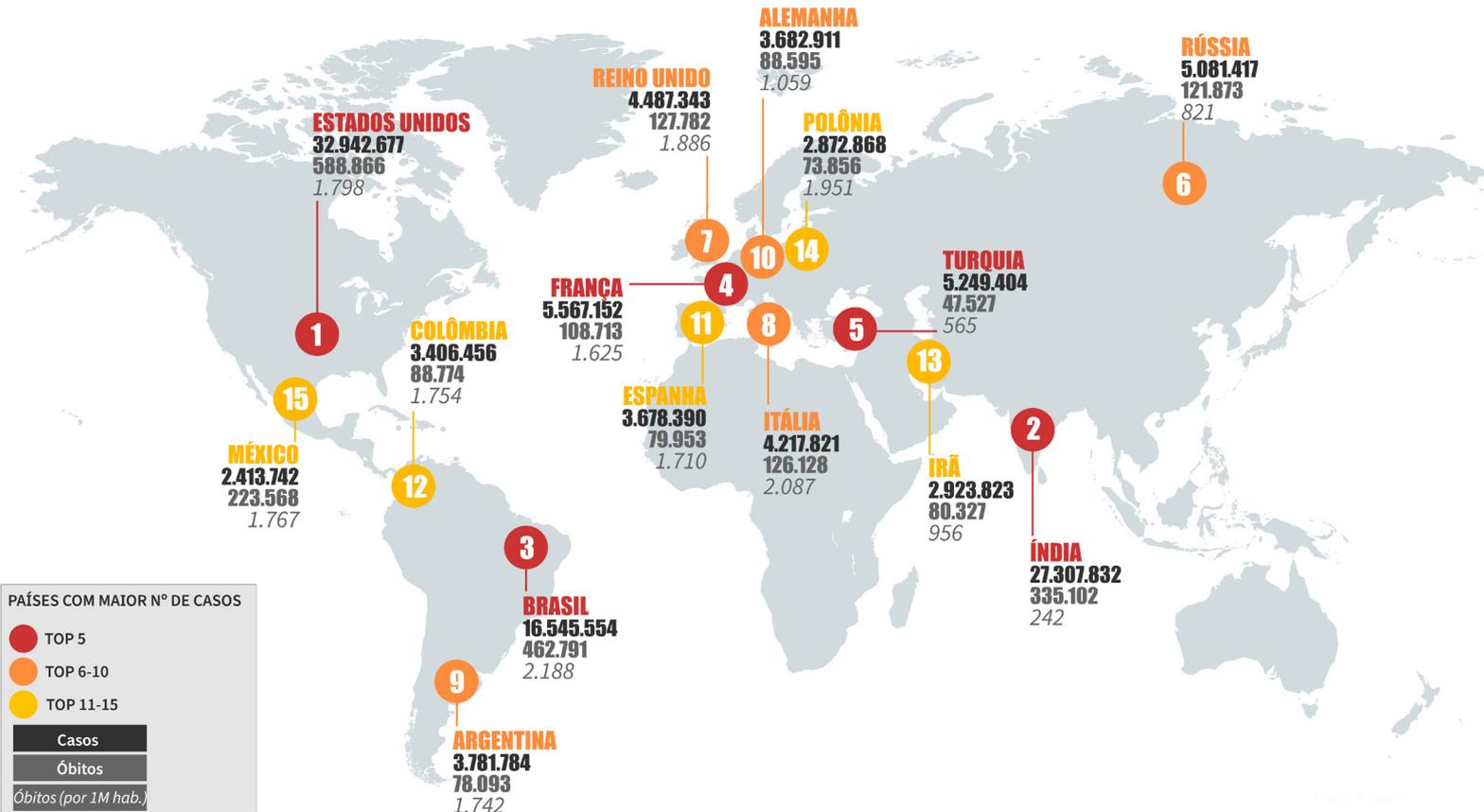
Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 02 de junho de 2021.



PAÍSES COM MAIOR N° DE CASOS

- TOP 5
- TOP 6-10
- TOP 11-15

Casos
Óbitos
Óbitos (por 1M hab.)

ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China**	681,9 (1°)	49	-	CanSino Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Estados Unidos	296,4 (2°)	89	51 (15°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Índia	213,1 (3°)	16	12 (75°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca
Brasil	68,2 (4°)	32	22 (50°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Moderna
Reino Unido	65,2 (5°)	98	59 (5°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Alemanha	51,5 (6°)	62	45 (18°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
França	36,7 (7°)	55	38 (24°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Itália	35,4 (8°)	59	40 (22°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
México	30,9 (9°)	24	17 (60°)	CanSino Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Sputnik V
Turquia	29,3 (10°)	35	20 (54°)	EpiVacCorona Sputnik V

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).
**O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

5G no Cone Sul: os casos do Chile e da Argentina

José Martins Rodrigues Junior

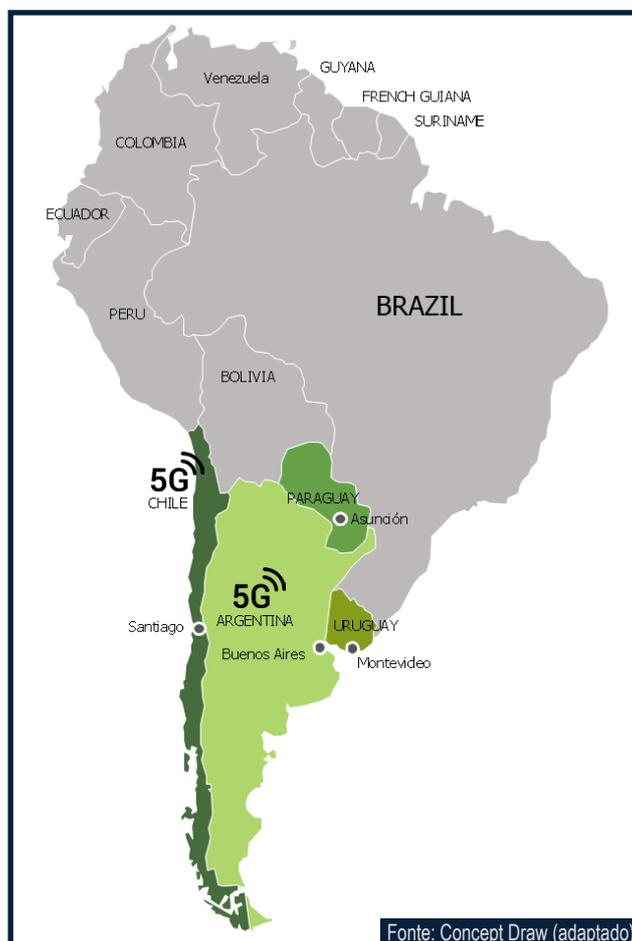
A tecnologia do 5G, próxima geração dos sistemas de telecomunicação sem fio, é um ativo importante, uma vez que sua implementação implica a renovação da infraestrutura de telecomunicações tanto civil quanto militar. A tecnologia é palco de disputas entre China e Estados Unidos, que as estendem para o tabuleiro geopolítico global, com destaque ao sul-americano. Existe um esforço das duas potências em favorecer suas companhias preferenciais nos leilões que ocorrerão na América do Sul nos próximos anos. Neste contexto, Chile e Argentina são os países mais avançados nas discussões sobre a tecnologia no Cone Sul. Assim, busca-se analisar a posição desses Estados quanto à implementação do 5G e seus desdobramentos.

O Chile já se encontra avançado em relação ao processo licitatório. Diversos leilões têm sido realizados para a cessão dos espectros para o uso da tecnologia 5G, nos quais devem ser destacados dois pontos. Primeiramente, a opção por uma licitação rápida que oferece vantagens estratégicas ao Chile, como a atração de firmas estrangeiras ao país. Em segundo lugar, a formulação de normas técnicas de cibersegurança permite que qualquer empresa implemente o 5G no Chile, desde que respeitados os padrões de segurança estabelecidos pelo Estado. Desta forma, salvaguardando sua soberania,

possibilita-se ao Chile a adoção de uma posição de neutralidade num contexto de disputa hegemônica entre China e Estados Unidos.

A Argentina, em termos gerais, se mostra atrasada em relação ao Chile. Apesar de existirem alguns pontos de testes em Buenos Aires, conduzidos tanto pela *Huawei*, empresa chinesa, quanto pela *Nokia*, empresa finlandesa apoiada pelos EUA, o leilão para a cessão do espectro do 5G ainda parece distante. Atualmente, o governo trabalha nos termos técnicos e na legislação para a licitação. Dessa forma, entende-se que a Argentina não tem dado prioridade ao tema do 5G em função de outros assuntos relevantes em sua agenda pública, como o combate à pandemia e a renegociação de sua dívida. Sob pressão dos dois lados, ainda falta um posicionamento claro do governo argentino sobre a questão.

Outrossim, visualiza-se que, apesar de estarem na mesma encruzilhada entre China e Estados Unidos, Chile e Argentina têm se posicionado de maneiras diametralmente distintas. De um lado, o Chile avança rapidamente nos trâmites para a implementação da rede, optando pela neutralidade quanto ao fornecedor. Por outro, a Argentina posterga tal decisão, o que pode acarretar em um atraso na entrada do país nos próximos circuitos digitais de produção de riqueza.



A estratégia dos EUA para o Indo-Pacífico como instrumento político para a América do Sul

Guilherme Novaes e Iasmin Gabriele Nascimento

A região do Indo-Pacífico tem sido palco da disputa geopolítica entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China. Nesse sentido, os Fuzileiros Navais dos EUA promoveram virtualmente, em 19 de maio de 2021, o sexto Simpósio de Líderes Anfíbios do Pacífico (PALS, sigla em inglês), evento anual que reúne líderes militares de países da região ou que tenham interesse nela. Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Peru participaram do evento, além de outros vinte países. Na ocasião, foram discutidos temas pertinentes para a defesa dos países envolvidos. Assim, questiona-se: qual seria a relevância do evento para a geoestratégia estadunidense em relação à América do Sul?

O PALS-21 teve como um de seus objetivos desenvolver relações bilaterais ou multilaterais com as nações amigas envolvidas, além de dialogar sobre aspectos marítimos, desenvolver respostas contra ameaças não-convencionais e expandir a interoperabilidade e operações conjuntas. A grande estratégia estadunidense para o Indo-Pacífico é vista com preocupação pelos chineses, que temem uma eventual ameaça a seus interesses na região. A intensificação de laços estadunidenses com a Índia é considerada estratégica para que o país atue como um “contrapeso” na região, além da aliança QUAD, com o mesmo objetivo de minar a influência de Pequim ([Boletim 136](#)).

O coronel do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Michael McWilliams, ressaltou a importância da participação de países sul-americanos no evento, porque ajudaria a ampliar os laços de cooperação regional, impulsionando uma visão estratégica conjunta. Nesse sentido, há um grande interesse por parte dos países dessa região em garantir a segurança marítima regional, tendo em vista, por exemplo, casos de pesca ilegal que são comuns em suas águas jurisdicionais.

Além disso, algumas marinhas regionais, por serem dotadas de capacidade anfíbia relevante, podem ser importantes aliados estratégicos dos EUA no Indo-Pacífico. De acordo com o Major estadunidense Thomas Perna, a Marinha do Chile tem uma importante capacidade de projeção de poder no Pacífico. O Peru, por sua vez, possui uma Marinha capacitada, e será o anfitrião da operação UNITAS 2021, devendo exercer a posição de comandante da Força Tarefa Conjunta no exercício.

Desse modo, frear a expansão chinesa na América do Sul, mesmo a partir de arranjos coletivos de defesa no Indo-Pacífico com atores regionais, faz parte da grande estratégia dos EUA. A promoção de eventos do porte do PALS-21 é relevante para o estreitamento de laços, de modo a restringir a influência de Pequim no tabuleiro geopolítico sul-americano.



Crise política em El Salvador e seus impactos na política internacional

Victor Cabral

Após quase dois anos enfrentando o sistema de freios e contrapesos do Legislativo e do Judiciário, desde 1º de maio de 2021, o presidente Nayib Bukele passou a controlar os três poderes da República. Seus partidários eleitos agora ocupam 2/3 do Congresso e destituíram os membros da Suprema Corte e o procurador-geral da República. A oposição e imprensa chamam de “golpe de Estado” o movimento de Bukele, que configura mais uma instabilidade política na América Central. No âmbito internacional, a repercussão foi negativa, especialmente nos Estados Unidos, cabendo indicar em que medida a instabilidade doméstica prejudica as relações bilaterais entre os Estados e impacta nas migrações.

Bukele foi eleito como um *outsider*, mesmo tendo governado a capital antes de eleger-se presidente. A forte presença nas mídias sociais; discurso anticorrupção e antinarcotráfico; e favorecimento ao fim da política tradicional bipartidária atraíram a atenção do eleitorado ao político. A popularidade recorde de 90%, surpreendente para uma região carente de representação política, fez com que Bukele testasse os limites constitucionais diversas vezes, alarmando a comunidade internacional. Em fevereiro de 2020, enviou tropas do Exército ao Congresso para pressionar a aprovação de leis e orçamentos de segurança; na pandemia, usou forças de segurança para reprimir os que rompiam o isolamento social; e protagonizou vultosos gastos não explicados na

gestão da crise sanitária, anteriormente investigados pelo procurador-geral deposto, assim como negociações com narcotraficantes para redução da violência.

O atual controle total da República pode permitir que o mandatário reforme a Constituição, elimine o limite de mandatos e acumule poderes. A ONU, a OEA, a União Europeia e os EUA rechaçam o flerte com o autoritarismo, comparando o mandatário com Maduro, Ortega e os irmãos Castro, devido aos riscos de perseguição à imprensa e aos opositores. O “*Bukelazo*” dificulta que El Salvador receba empréstimos do FMI e investimentos internacionais, como o prometido pelo presidente Joe Biden, para controlar o desemprego e a desigualdade (Boletim 133), pelo fato de não cumprir uma exigência básica: fortalecimento democrático. O investimento de Biden pode reduzir a fonte das causas que forçam a migração de centro-americanos aos EUA, mas encontra na instabilidade política um percalço à sua política externa, refletindo em uma possível piora do fluxo que chega na fronteira com o México. Em maio, Bukele rejeitou receber o enviado de Biden para negociar a crise, Ricardo Zuniga. E, em 19 de maio, aprovou investimentos chineses, abrindo brechas para um novo ator que pode financiar o governo caso haja um distanciamento de Washington devido à nova instabilidade no Istmo e à relação bilateral estremecida.



Fonte: Bizlatin Hub

O novo Porto de Lamu e os impactos econômicos e políticos para o Leste Africano

Isadora Jacques

O continente africano recebeu mais um grande empreendimento no setor portuário, primordial pilar de sua economia. Em 20 de maio de 2021, foi inaugurado o Porto de Lamu, no litoral do Quênia, como parte do projeto Corredor de Transporte Porto de Lamu-Sudão do Sul-Etiópia (LAPSSET, sigla em inglês), lançado em 2012, estimado em US\$ 23 bilhões. Essa iniciativa, no entanto, causou algumas controvérsias no setor pesqueiro, de turismo e, sobretudo, ambiental. Neste sentido, questiona-se: como o empreendimento marítimo irá complementar o mosaico econômico da região do leste da África?

O projeto foi concebido com o intuito de interligar Lamu, cidade ao norte de Mombaça — importante cidade portuária queniana — às economias da África Oriental, como Etiópia e Sudão do Sul. O intuito é transportar o petróleo proveniente do Sudão do Sul, que é escoado, atualmente, pelo Sudão através do Grande Oleoduto do Nilo às principais rotas comerciais globais. Os conflitos entre sudaneses e sul-sudaneses se dão justamente pela interdependência que adveio da exploração desse recurso natural, cuja reserva está, majoritariamente, localizada no território do Sudão do Sul.

Apesar das aparentes oportunidades positivas

oferecidas pelo projeto, a falta de perspectiva de empregos à população local e instabilidade, agravada pela atuação do grupo terrorista al-Shabaab, preocupam estudiosos e a comunidade de Lamu. Mesmo diante do reconhecimento da União Africana (UA) e da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC, sigla em inglês) ao potencial da Economia Azul — que visa equilibrar exploração e preservação dos oceanos — como ferramenta estratégica para o desenvolvimento econômico do continente, o porto evoca receios em relação às realidades socioeconômica e ambiental locais. Um estudo feito pela *Natural Justice*, organização sul-africana especializada em direito ambiental, evidenciou que o governo queniano adquiriu mais terras para o projeto do que pode indenizar.

Além de projetos logísticos voltados ao escoamento de *commodities*, o setor marítimo queniano é composto pela pesca, turismo e transporte. Apesar do novo planejamento do Porto de Lamu, destaca-se que o Porto de Mombaça não perderá sua posição como principal porto queniano. Assim, o empreendimento portuário em Lamu atuará de forma complementar ao escoamento de bens, beneficiando a economia regional no Leste Africano, favorecendo, sobretudo, a Etiópia e o Sudão do Sul, países sem acesso direto ao mar.



A modernização do poder naval português a partir de sua indústria de Defesa

Luiza Guitarrari

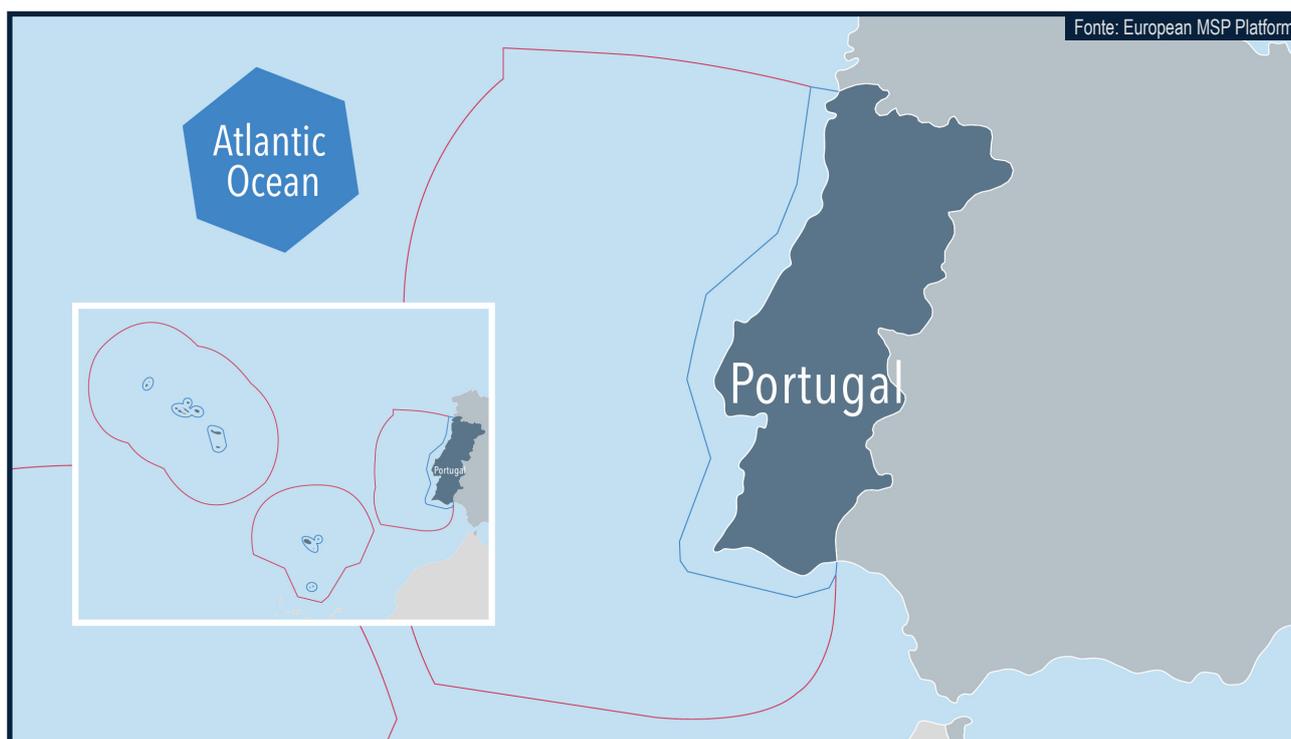
A política externa portuguesa, pelo menos desde o século XV, apresenta-se articulada na dimensão marítima a partir do aperfeiçoamento de suas capacidades navais. Considerado um país essencialmente marítimo, com uma porção terrestre de apenas 3%, sua posição atlântica requer uma postura estratégica capaz de garantir sua soberania. Isto permite Portugal explorar diversos setores da Economia Azul, como a indústria naval. Inclusive, nota-se que a pauta sobre Defesa e Segurança da dimensão marítima esteve em voga nas discussões do Conselho da União Europeia (UE) sob a presidência portuguesa. Nesse âmbito, cabe analisar os esforços de Portugal para redimensionar sua indústria naval e, conseqüentemente, sua Marinha.

No início de maio, o Conselho de Ministros de Portugal aprovou a Estratégia Nacional para o Mar (2021-2030). Alinhada a agendas multilaterais, como a Política Marítima Integrada da União Europeia, o documento evidencia a ambição portuguesa no desenvolvimento sustentável do oceano. Desse modo, dentre as áreas de intervenção prioritária da Estratégia lusa, destacam-se: a indústria naval — estaleiros, construção e reparação naval — e a segurança, defesa e vigilância marítima. Em consonância ao novo documento estratégico, em 20 de maio — dia da Marinha Portuguesa — foi anunciada a aquisição de seis novos

Navios-Patrolha Oceânico (NPaOc), sob orçamento de aproximadamente US\$ 430 milhões. Visando reforçar a capacidade de patrulha e fiscalização das águas jurisdicionais portuguesas, os navios irão somar-se aos quatro NPaOc da classe Viana do Castelo, construídos pela *West Sea Estaleiros Navais*.

A aquisição faz parte da Lei de Programação Militar (2019), que ambiciona a modernização e prontidão portuguesa diante de novas dinâmicas internacionais. A expectativa é que até 2029 os novos NPaOc substituam as antigas corvetas Baptista de Andrade e João Coutinho, incrementando o potencial de sua Esquadra. Nesse panorama, dentre suas cinco fragatas, apenas a Álvares Cabral e a Corte-Real encontram-se operacionais. Assim, os NPaOc podem contribuir na cooperação no âmbito da Defesa e segurança marítima, junto aos países da CPLP, além da atuação mais expressiva em operações de segurança marítima no âmbito da UE.

Destarte, o programa representa um importante estímulo para a indústria de Defesa portuguesa, torna-se imperativo revitalizar o setor de construção e reparação naval português, que preocupa o Ministério da Defesa. Portanto, o empenho de Lisboa na cooperação e investimentos nesse setor será fulcral em sua projeção dentro do espaço Atlântico e no incremento da sua Marinha.



Israel e Palestina: os novos modos de se fazer a guerra nos conflitos modernos

Adel Bakkour e Isadora Novaes Bohrer

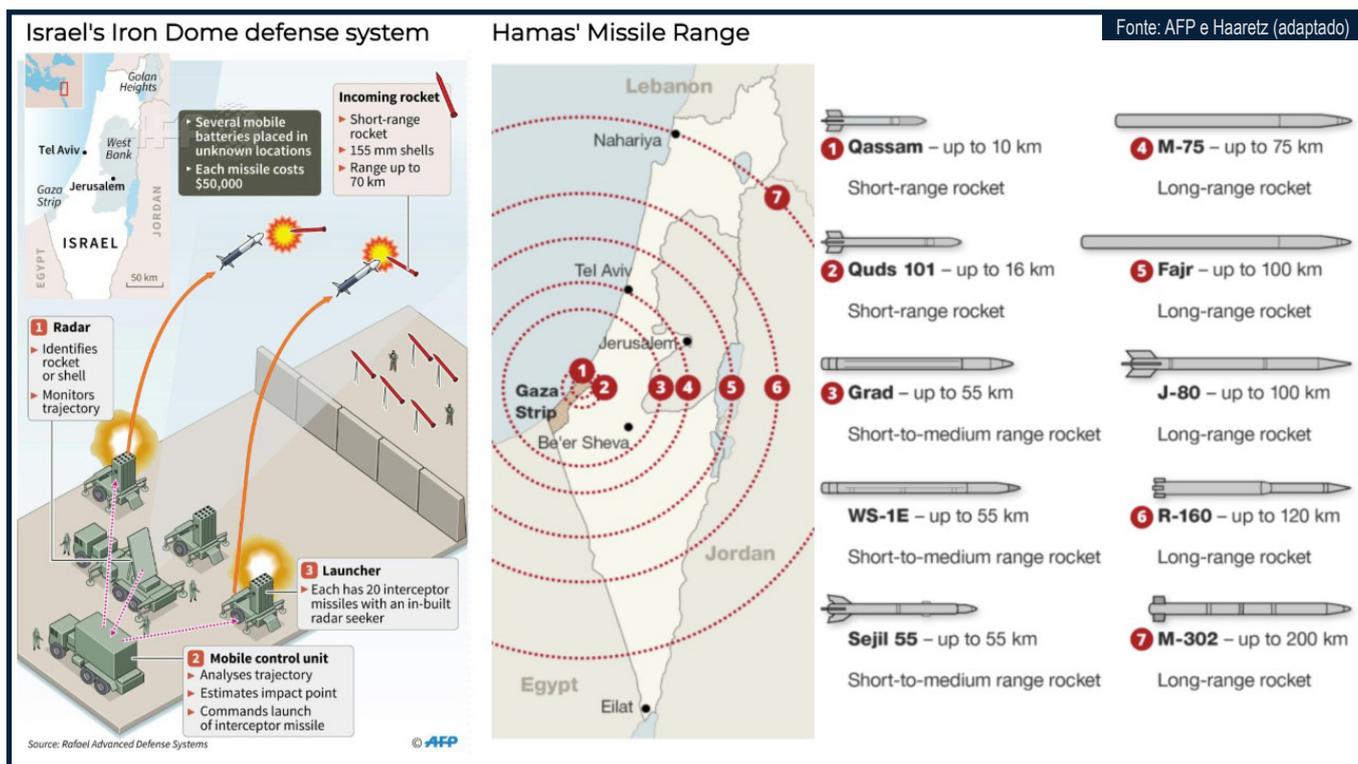
Um dos grandes elementos de instabilidade na política internacional do século XX foi a incapacidade de encontrar uma solução definitiva para o conflito entre Israel e Palestina. A região continua sendo uma das mais instáveis no Oriente Médio e regularmente retorna às manchetes internacionais. No mais recente episódio, em maio de 2021, ressalta-se a evolução dos modos de se fazer a guerra, evidenciando a transformação dos atores e estratégias envolvidos, sobretudo contando com elevado grau de violência nos micro-espacos urbanos. Seria possível, então, que esse caso possa se enquadrar na categoria esboçada por Tatiana Moura de “novíssimas guerras”?

O conflito entre Israel e Palestina é, sobretudo, urbano. A Faixa de Gaza possui 2 milhões de habitantes em 365 km², tornando-a um dos territórios de maior densidade populacional do mundo. Essa configuração faz com que o combate nesse local seja extremamente diferente daquele imaginado em campos abertos, com tropas e veículos de combate. Foi perceptível que, nos 10 dias de conflito, não houve proximidade entre as tropas rivais. Ao contrário, apresentou-se a maximização do uso da inteligência artificial para controlar e guiar os mais de 4.300 foguetes lançados pelo Hamas e, do outro lado, a utilização de um sistema de defesa antiaérea de ponta, o *Iron Dome*, para proteger seus civis (majoritariamente administrado por uma sala de controle, que utiliza radares

espalhados por Israel para interceptar e destruir foguetes e mísseis inimigos).

Areladas às táticas militares estão as ações com o intuito de impedir o reabastecimento do inimigo. Os focos da danificação continuam sendo as linhas de suprimentos, mas, no caso discutido, outras instâncias são adicionadas a esse conjunto. Não é apenas a destruição do Hamas, mas tornar o urbano (Gaza) inabitável. Nos primeiros protestos em Jerusalém Oriental, uma das ações promovidas por Israel foi fechar a área de pesca da Faixa de Gaza. Durante o conflito, o prédio de escritórios de duas das maiores mídias regionais foi destruído (o governo israelense alegou atividade terrorista no edifício). A informação também é arma nesse mundo de notícias instantâneas e redes sociais. Mais que restringir os relatos, Israel empreendeu operações de informação e guerra psicológica, na qual os seus perfis estatais nas redes sociais tiveram intensa atuação durante toda crise.

Portanto, o *modus faciendi* do conflito em questão revela uma nova faceta da guerra contemporânea. O combate humano direto é complementado por sofisticados recursos tecnológicos e o teatro de operações, circunscrito a ambientes urbanos densamente povoados, conta com um elevado grau de violência. Desse modo, com certo cuidado, podemos admitir que o recente episódio entre Israel e Palestina se trata de um exemplo das “novíssimas guerras”.



Nord Stream 2: oportunidade ou ameaça à segurança energética europeia

José Gabriel Melo

A relação entre Rússia e União Europeia passa por um de seus momentos mais desafiadores no período pós-Guerra Fria, com disputas de interesses que se estendem do campo político ao econômico. Dentre os diversos elementos que tornam essa situação complexa está a interdependência relacionada ao fornecimento de gás russo que, por sua vez, está diretamente atrelado à segurança energética do bloco europeu. Apesar do caráter majoritariamente comercial, iniciativas que visam ampliar a relação entre ambos são, constantemente, alvos de críticas que partem da premissa que essa integração põe em risco a manutenção da soberania europeia. Quais as eventuais motivações do bloco europeu para tal postura?

Uma delas é o *Nord Stream 2*, um projeto com potencial para dobrar o escoamento de gás por meio do Mar Báltico. Ele é resultado de um consórcio entre a russa *Gazprom* e outras cinco empresas do setor energético para a construção de um gasoduto com 1.230 km e capacidade de 55 bilhões de metros cúbicos (bcm, sigla em inglês), conectando Ust-Luga, na Rússia, a Greifswald, na Alemanha. Iniciado em 2015, é motivo de controvérsias desde então, atreladas à potencial dependência em relação a Moscou em uma área de importância estratégica. Vale lembrar que a Rússia tem as maiores reservas de gás do mundo (47,8 trilhões

de metros cúbicos). Já a produção interna do mercado europeu está em declínio, enquanto sua demanda só aumenta (atualmente 450 bcm por ano, e com projeções estimadas de aumento de 120 bcm para 2035).

Um importante ator regional que faz forte oposição ao projeto é a Ucrânia, que, para além dos reflexos do conflito corrente com a Rússia ([Boletim 137](#)), vê o gasoduto como uma ameaça. Isso pois, uma vez em funcionamento, mitigará a importância de Kiev enquanto país de trânsito para 1/3 do gás que chega à Europa, prejudicando não apenas sua relevância no tabuleiro geopolítico, como também podendo gerar reflexos negativos na economia do país.

Além disso, no final de maio, os EUA impuseram sanções a 13 navios russos envolvidos na implementação dos dutos, mas eximiram o consórcio. Além do antagonismo geopolítico a Moscou, também há uma razão comercial para tal, pois almejam ampliar a inserção do Gás Natural Liquefeito estadunidense no mercado europeu.

Para a Rússia, é crucial se fazer presente no maior mercado consumidor desprovido de autonomia. Desse modo, uma vez identificados alguns dos interesses políticos e comerciais envolvendo o *Nord Stream 2*, salienta-se a importância ao país da ampliação de sua oferta de gás ao mercado europeu.



Novos ventos, mesmas águas: o desafio da península coreana à administração Biden

Marcelle Torres

Recentemente, os presidentes dos EUA e da Coreia do Sul se reuniram na Casa Branca, em Washington. O encontro configurou-se na atualização da aliança Seul-Washington, congruência em relação à Coreia do Norte e cooperação em cadeias de suprimentos globais. Segundo o professor sul-coreano Geun Lee, a relação entre ambos evoluiu para uma aliança: i) com ênfase nos valores da democracia liberal, estado de direito e normas internacionais; ii) regional e global e iii) de ciência e tecnologia orientada ao futuro.

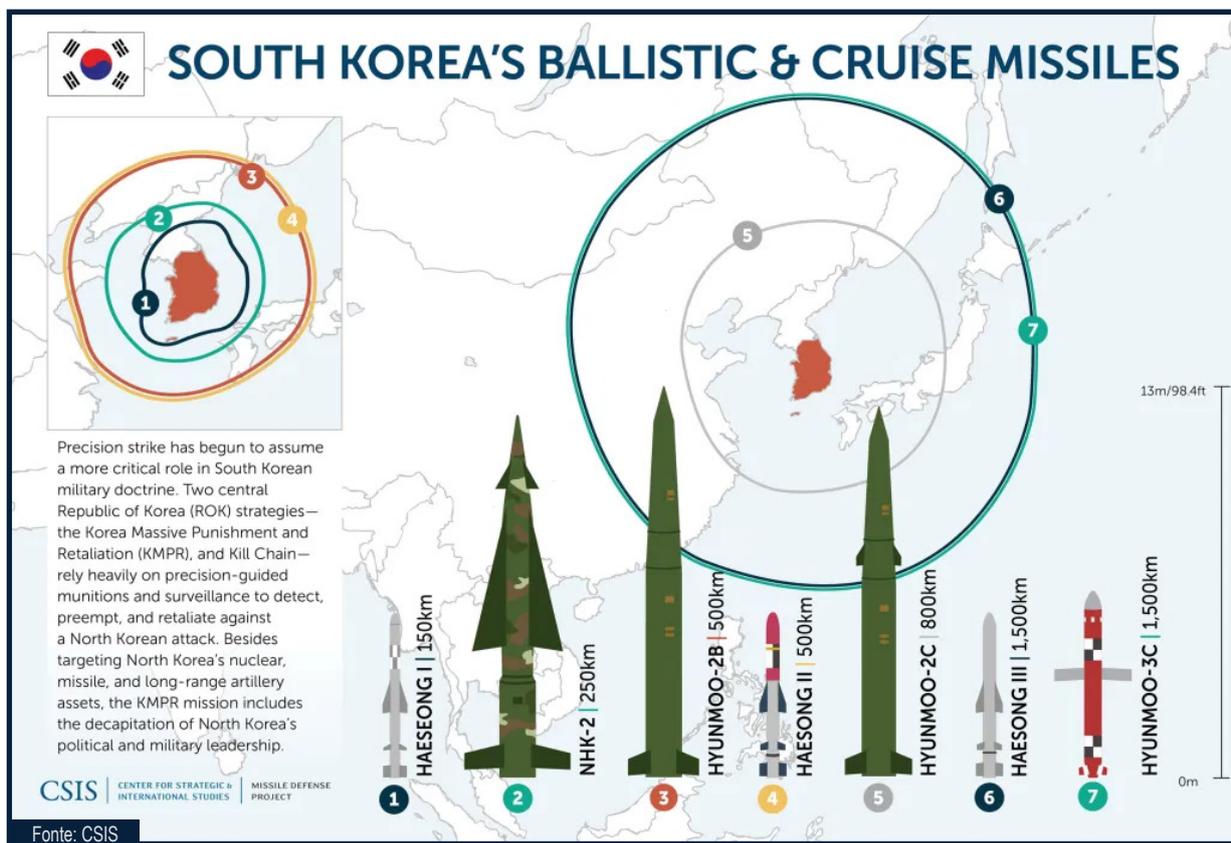
Dentre os resultados, Seul retomou a “soberania dos programas de mísseis” desde o acordo das diretrizes de 1979, refletindo em mais autonomia à política de segurança e ao programa de mísseis balísticos sul-coreanos. O acordo submetia o desenvolvimento de mísseis ao controle de Washington, limitando ao alcance de 180 km (estendido a 800 km para mísseis não cruzeiro, em 2012) e carga útil de 500 kg. Também, o programa espacial sul-coreano será beneficiado, tendo a Coreia do Sul se tornado o décimo membro do Programa *Artemis*, da NASA. Espera-se, ainda, a reação de Pequim e Pyongyang.

Durante o encontro, enquanto Biden ansiava pela posição assertiva de Seul, Moon Jae-in, presidente da Coreia do Sul, foi cauteloso ao tratar sobre a China por razões de: i) Pequim ser o maior parceiro comercial de

Seul; ii) Seul temer uma reação econômica de Pequim, como na época da implantação do *Terminal High Altitude Area Defense* (THAAD, sigla em inglês); e iii) Seul considerar Pequim como elemento importante de engajamento de Pyongyang. Seul tem interesse no *Quadrilateral Security Dialogue* (QUAD, sigla em inglês), desde que não antagonize explicitamente Pequim.

No tocante à política dos EUA para a Coreia do Norte, houve o reconhecimento dos resultados da Declaração de Panmunjom e da Cúpula de Cingapura, fatores positivos às perspectivas de Seul. Ainda, Biden nomeou o embaixador Sung Kim como enviado especial dos EUA para a Coreia do Norte, o qual já atuou nas negociações da *Six Party Talks* durante a administração Obama. Todavia, as negociações sobre a desnuclearização da península coreana permanecem incertas.

Tóquio e Seul foram consultados na revisão da política dos EUA para a Coreia do Norte. Fugindo da “paciência estratégica” de Obama, e da barganha de Trump, Biden busca a “abordagem calibrada e prática” para encontrar o caminho da diplomacia com Pyongyang. Entretanto, a declaração conjunta Washington-Seul não é positiva aos anseios de Pyongyang, que visa a suspensão das sanções ao país. Apesar da tentativa em vigor de uma nova abordagem estadunidense, Pyongyang deverá manter sua posição de não diálogo e congelamento das negociações.



O papel do Mar do Sul da China nas relações sino-vietnamitas

Rodrigo Abreu

As relações entre China e Vietnã são marcadas por uma constante instabilidade, em parte devido ao avanço da China em direção ao Mar do Sul da China (MSC) em 2009, reivindicando cerca de 80% da região como parte de seu território. Porém, já no fim de 2020, o relativo relaxamento das tensões na região sinalizou a possibilidade de reaproximação entre os países. Em maio de 2021, a China passou a apostar na mudança na presidência do Vietnã para exercer maior influência no país, principalmente no âmbito econômico e no combate à pandemia de COVID-19. Nesse sentido, será possível estabelecer uma aproximação entre Pequim e Hanói mesmo sem qualquer sinal de queda da presença chinesa no MSC?

Primeiramente, é importante esclarecer que reverter a mobilização da China em direção ao MSC se tornará um desafio progressivamente maior para o Vietnã. Pequim tem sido indiferente aos protestos da ONU e dos países da região acerca de sua reivindicação e passou a militarizar a região a partir de 2014, com a construção de instalações militares em ilhas artificiais. Além disso, com o rápido aumento do poder naval chinês nos últimos anos, as potências ocidentais acabam possuindo um poder de ação cada vez menor na região.

Por outro lado, no contexto da pandemia de COVID-19, as economias de China e Vietnã se destacaram entre as poucas a registrarem um crescimento do seu PIB em 2020. Nesse sentido, Pequim busca oportunidades de expandir as relações comerciais com Hanói e oferece apoio para combater a pandemia dentro do Vietnã. A China também busca negociações com o Vietnã para que este se torne membro da Iniciativa Cinturão e Rota, principalmente visando retomar o andamento dos projetos após a queda registrada por conta da pandemia. Inicialmente, as propostas parecem ter sido bem recebidas pelo Vietnã, que reforçou também a necessidade de diálogo na questão do MSC.

Ademais, apesar da China manter suas reivindicações, os incidentes entre navios chineses e vietnamitas na região diminuíram desde o segundo semestre de 2020, quando as guardas costeiras dos dois países realizaram exercícios conjuntos. Dessa forma, as tendências indicam que, mesmo com a questão do MSC ainda sendo controversa, as convergências econômicas, associadas a uma queda na escalada das tensões na região, podem gerar um ambiente mais favorável à aproximação econômica entre Pequim e Hanói.



ASEAN e o golpe em Mianmar: pressão pela redemocratização?

Thayná Fernandes

Passados mais de 100 dias desde o golpe instaurado em Mianmar, a situação do país tem se agravado diariamente: com mais de 700 mortos (dados mais recentes do final de abril), aproximadamente, 3000 presos e cerca de 1000 mandados de prisão expedidos, o Tatmadaw (nome oficial das Forças Armadas do país) vem tentando controlar o Estado. A população formou uma onda de resistência pacífica, com protestos e greves nos setores mais importantes da economia nacional, sendo respondida com uso desproporcional da força. A situação tornou-se mais complicada quando diversos grupos étnicos armados começaram a se organizar para responder também violentamente às abordagens governistas. Com conflitos declarados por todo o país, como essa crise doméstica afeta o Sudeste Asiático?

A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN, sigla em inglês) vem se esforçando para liderar a mitigação da crise. Mesmo com a cláusula de “não-intervenção”, dado o nível de intensidade dos conflitos entre a população e o governo militar, difundido sobretudo pelas redes sociais, a pressão internacional resultou em uma postura mais assertiva por parte da associação. Sendo assim, ao final de abril, a ASEAN se reuniu extraordinariamente e definiu um plano de ação com cinco pontos principais, entregue ao governo militar birmanês para ser aplicado.

A “Cessação imediata da violência”; “diálogo

construtivo pelos interesses do povo”; e a “assistência humanitária”, estiveram dentre as cinco medidas que, apesar de importantes, não tiveram caráter impositivo, não estabeleceram datas e prazos para que fossem praticadas e foram abertamente tratadas pelo governo birmanês como “sugestões”. Enquanto isso, a onda de imigração aos países do entorno, notadamente Tailândia, Índia e China, é um dos efeitos mais visíveis e, embora muitos imigrantes tenham sido recebidos, boa parte é enviada de volta a Mianmar, principalmente devido às tentativas de controle da COVID-19. Um dos pontos mais dramáticos da situação, além da intensa violência, é o colapso econômico enfrentado pelo país: Estados ocidentais continuam fazendo sanções e milhares de pessoas já atingiram a extrema pobreza, de modo que, segundo a ONU, cerca de 3 milhões de birmaneses não conseguirão se alimentar adequadamente nos próximos seis meses. Mesmo assim, a ASEAN não nomeou ainda seu enviado especial, conforme acordado no encontro em abril, para apoiar na mediação e diálogo entre todas as partes.

Nesse sentido, embora haja pressão sobre o Tatmadaw, ainda é muito tênue a influência da Associação em Mianmar, que tem a China como forte aliado. Assim, para que o país retorne ao curso democrático, faz-se necessário uma diplomacia regional mais robusta, organizada e verdadeiramente preocupada.



A Antártica como laboratório para exploração da Lua e de Marte

Gabriela Paulucci da Hora Viana

Atualmente, o território Antártico tem sido palco para pesquisas que buscam simular missões em órbita, em trânsito e na superfície da Lua e de Marte. Em especial, esse movimento reflete na corrida dos países para a exploração do planeta vermelho — tanto por ser o segundo lugar mais acessível do Sistema Solar, depois da Lua, quanto por poder fornecer novas informações sobre a origem e evolução da vida terrestre. Nesse sentido, um projeto financiado pela União Europeia denominado EDEN ISS é o principal dispositivo voltado para simular e prever o desenvolvimento de tecnologias de cultivo de alimentos relativos à agricultura espacial no território antártico. De que maneira esse projeto poderia suprir a necessidade das futuras missões espaciais em relação aos sistemas bio-regenerativos para o suporte da vida em Marte?

A ideia principal da iniciativa EDEN ISS é conduzir pesquisas em instalações de ambiente controlado em locais remotos e isolados. A intenção é explorar o desenvolvimento de Sistemas de Suporte a Vida Bio-Regenerativo (BLSS, sigla em inglês), conceito que sugere a criação das condições para a vida humana em outros planetas a partir do cultivo de plantas e, conseqüentemente, colheitas regulares. Além dos benefícios alimentares, esse aspecto favorece também o aspecto psicológico facilitando o convívio diário e o

ambiente social quando em Marte.

Soma-se o fato ainda que, o EDEN ISS tem o objetivo de auxiliar e apoiar os objetivos do programa de voo espacial tripulado *Artemis*, desenvolvido pela NASA, que almeja a exploração sustentável da Lua e, eventualmente, Marte. O projeto EDEN foi lançado em 2015, e é administrado pelo Centro Aeroespacial Alemão (DLR, sigla em inglês). Em 2021, a NASA e o DLR iniciaram uma série conjunta de experiências sobre técnicas de cultivo de vegetais para uso na Lua e em Marte. Por isso, a importância do território antártico como laboratório para a exploração do espaço reflete no protagonismo da NASA nas simulações do projeto EDEN ISS que, atualmente, ocorrem na estação alemã Neumayer III.

Desse modo, projetos como o EDEN ISS são a esperança para que eventuais “colonos” de Marte também possam desfrutar de comida fresca durante seu tempo no Planeta Vermelho. Se, por um lado, a corrida para Marte tem reforçado a disputa geopolítica entre os países, por outro, tem fomentado a indústria espacial e reforçado a ânsia dos Estados em garantir um posicionamento estratégico no planeta — impulsionando o remodelamento de seus planos de investimento, especialmente no território Antártico.

DOI 10.21544/2446-7014.n140.p15.

12ª Reunião Ministerial do Conselho do Ártico: conquistas e novos desafios para a presidência russa

Raphaella Costa

A cooperação no âmbito do Conselho do Ártico é crucial para a região. Na data de 20 de maio de 2021, a cidade de Reykjavik, Islândia, sediou a 12ª Reunião Ministerial, marcando a comemoração dos 25 anos de fundação da Organização. Em virtude da ocasião, os oito Estados árticos, além dos seis representantes de lideranças nativas, reafirmaram o compromisso da manutenção de iniciativas para uma região próspera e sustentável. Conquanto o objetivo-primeiro do organismo seja a cooperação pela paz, o tema da segurança foi trazido como pauta pelo ministro de Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov, reavivando a questão militar entre os Estados. Questiona-se de que maneira a presidência russa pelos próximos dois anos no Conselho do Ártico poderá traçar novos rumos à dinâmica regional.

Uma das principais conquistas do encontro foi a elaboração do primeiro Plano Estratégico 2021-2030 para a região, que reflete os valores compartilhados e objetivos comuns que guiarão o trabalho da organização pela próxima década, combinando a atuação dos Estados

árticos e dos membros permanentes. A 12ª Reunião Ministerial inaugurou, ainda, a presidência russa no Conselho do Ártico pelos próximos dois anos, cadeira anteriormente ocupada pela Islândia. Para tanto, o país estabeleceu os objetivos voltados para o desenvolvimento sustentável como agenda prioritária, de forma a equilibrar questões econômicas e ambientais. A Rússia promete apoiar o andamento das atividades dos inúmeros Grupos de Trabalho da organização e órgãos subsidiários, ao mesmo tempo em que apresenta diversos novos projetos e iniciativas.

A agenda proposta por Moscou inclui a abertura da organização para o envolvimento de potenciais novos Estados-observadores, ainda que Estônia, Irlanda e República Tcheca tenham enviado pedidos que não foram admitidos. Embora a presidência russa almeje o investimento continuado em iniciativas em prol da cooperação e paz regionais, por ocasião da reunião, Sergey Lavrov reiterou o desejo do país de incluir questões de segurança na pauta do Conselho do Ártico. O ministro retoma um diálogo encerrado em 2014, quando

houve o encontro entre as Forças Armadas dos países árticos.

Embora a organização tenha sido fundada sob os auspícios da cooperação entre Estados árticos, observadores e povos tradicionais, o Conselho do Ártico, como colocado pelo ministro Sergey Lavrov, não

deve ignorar as questões militares e o acirramento da competição entre as nações pela hegemonia regional. O representante baseia-se na escalada de tensões no extremo Norte, a qual já é uma realidade, devido à intensificação da presença de forças da OTAN e da Rússia.

DOI 10.21544/2446-7014.n140.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

Os desafios com a logística do hidrogênio e os meios para mitigação do CO2

Alessandra Dantas Brito

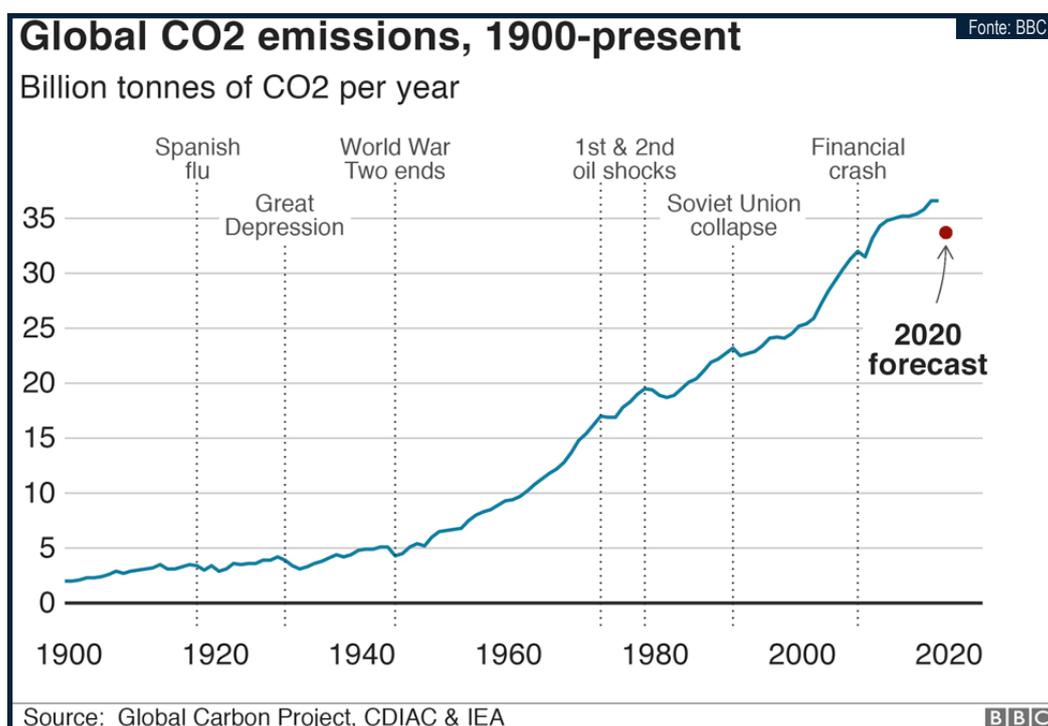
Nos últimos anos, as emissões de gases de efeito estufa (GEE) atingiram níveis preocupantes, contribuindo para o aumento das concentrações atmosféricas de dióxido de carbono (CO₂), óxido nitroso (N₂O) e metano (CH₄). Assim, diversas opções surgiram e estão sendo estudadas a fim de contribuir para mitigação das emissões. Destacando-se nessa corrida está o hidrogênio, apontado como um dos possíveis combustíveis verdes do futuro. No entanto, os desafios para o seu transporte estão trazendo dificuldades diversas para os engenheiros envolvidos nesse processo.

O emprego do hidrogênio como combustível alinha-se ao estabelecido no Acordo de Paris e, também, insere-se no contexto da Agenda 2030, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) para a mitigação dos GEE. No entanto, cabe à Organização Marítima Internacional (IMO, sigla em inglês) as resoluções que serão cumpridas pelo setor de transporte marítimo global ([Boletim 103](#)). O maior desafio é manter o hidrogênio refrigerado em 253 graus Celsius negativos, o que equivale a apenas 20 graus acima do zero absoluto.

Mesmo assim, alguns projetos nesta área estão em desenvolvimento. A *Kawasaki Heavy Industries* do

Japão já construiu o primeiro navio que pode transportar hidrogênio, o *Suiso Frontier*. O navio ainda está em fase de testes, mas prepara-se para uma demonstração. Recentemente, o grupo anglo-holandês de energia, *Shell*, decidiu participar do projeto com um objetivo muito específico: produzir hidrogênio por gaseificação a partir das reservas de lignite da Austrália (um carvão marrom de menor qualidade) e depois enviá-lo em forma líquida para o Japão. Outro projeto é o da empresa norueguesa de navegação *Wilhelmsen Group* que está trabalhando na construção de um navio *roll-on/roll-off* que será capaz de transportar hidrogênio líquido por meio de contêineres ou reboques.

Tais esforços estão longe de serem livres de riscos, além de serem economicamente custosos. Os investimentos planejados totais podem chegar a mais de US\$ 300 bilhões até 2030, caso centenas de projetos usando o combustível se concretizarem, de acordo com um relatório recente da associação do Conselho de Hidrogênio e consultores da *McKinsey*. Apesar das dificuldades, pode-se perceber movimentos por parte de empresas e governos no investimento em novas tecnologias para um futuro mais sustentável.



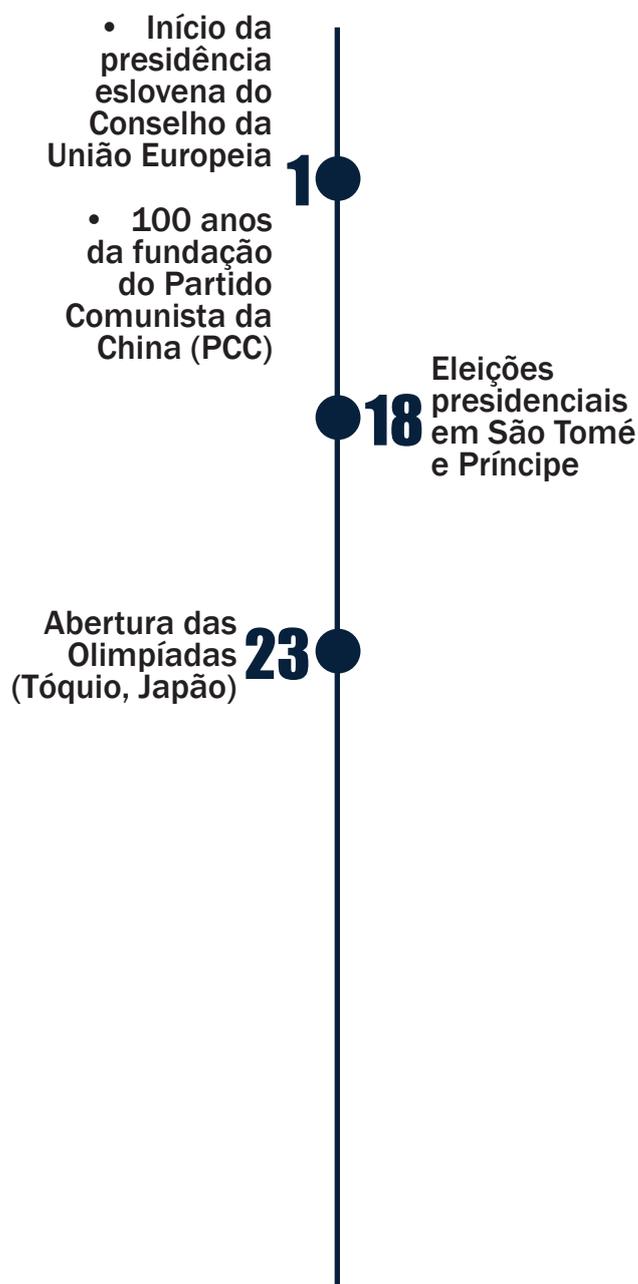
- ▶ [The G7 Tests](#)
CSIS, Matthew P. Goodman
- ▶ [A Military Assessment of the Israel-Hamas Conflict](#)
THE WASHINGTON INSTITUTE, Grant Rumley e Neri Zilber
- ▶ [Optimising Cyber Security Public-Private Partnerships](#)
RUSI, Bilyana Lilly, Jamie Collier
- ▶ [China's Inconvenient Truth](#)
FOREIGN AFFAIRS, Elizabeth Economy
- ▶ [Belarus plane action eases Russian military restraints](#)
CHATHAM HOUSE, Keir Giles

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JUNHO



JULHO



REFERÊNCIAS

- **5G no Cone Sul: os casos do Chile e da Argentina**
CAMBERO, F. [Chile fast-tracking 5G roll-out, but with tight rules on security, official says](#). Reuters, Santiago, 22 mar. 2021. Acesso em: 28 abr. 2021.
RUMI, M. [5G: hasta 2022 no habría fecha para la licitación del espectro](#). **La Nación**, Buenos Aires, 18 mar. 2021. Acesso em: 28 abr. 2021.
 - **A estratégia dos EUA para o Indo-Pacífico como instrumento político para a América do Sul**
NIGAM, A. [US backing Indo-Pacific strategy will lead to 'chaos' and 'division', says China](#). **Republic World**, Mumbai, 28 maio 2021. Acesso em: 28 maio 2021.
PERNA, T. [Key South American partners participate in Pacific Amphibious Leaders Symposium](#). **Defense Visual Information Distribution Service**, Miami, 21 maio 2021. Acesso em: 26 maio 2021.
 - **Crise política em El Salvador e seus impactos na política internacional**
BREMNER, I. [What Happens Next in El Salvador - And What It Means for the U.S. Border](#). **Time**, Nova Iorque, 10 maio 2021. Acesso em: 11 maio 2021.
RIVAS, V.; URQUILLA, Katten. [EE.UU. analiza posibles sanciones para El Salvador tras el "Bukelazo"](#). **EISalvador.com**, São Salvador, 13 maio 2021. Acesso em: 14 maio 2021.
 - **O novo porto de Lamu e os impactos econômicos e políticos para o Leste Africano**
BACHMANN, J.; KILAKA, B.M. [Kenya launches Lamu port. But its value remains an open question](#). **The Conversation**, Waltham, 20 maio 2021. Acesso em: 24 maio 2021.
SABRI, M. [Africa's Growth and the Potential of the Blue Economy](#). **The Maritime Executive**, Fort Lauderdale, 08 abr. 2021. Acesso em: 24 maio 2021.
 - **A modernização do poder naval português a partir de sua Indústria de Defesa**
MATOS, V. ["A Marinha está bem equipada e vai ficar muito bem equipada". Ministro anuncia mais seis 'patrulhões' no Dia da Armada](#). **Expresso**, Lisboa, 20 maio 2021. Acesso em: 24 maio 2021.
[Governo aprova Estratégia Nacional para o Mar 2021-2030](#). **República Portuguesa**, Lisboa, 06 maio 2021. Acesso em: 28 maio 2021.
 - **Israel e Palestina: os novos modos de se fazer a guerra nos conflitos modernos**
[Israel-Gaza: Fears of war as violence escalates](#). **BBC**, Londres, 12 maio 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
[Rocket & Mortar Attacks Against Israel by Date \(2001 - Present\)](#). **Jewish Virtual Library**, Montgomery, 21 maio 2021. Acesso em: 27 maio 2021.
 - **Nord Stream 2: oportunidade ou ameaça à segurança energética europeia**
[US imposes sanctions on Russian companies and ships related to Nord Stream 2](#). **Tass**, Washington, 21 maio 2021. Acesso em: 21 maio 2021
CZARNECKI, R. [Is Nord Stream 2 a threat to Europe's security?](#). **Daily Sabah**, Istambul, 11 maio 2021. Acesso em: 21 maio 2021.
 - **Novos ventos, mesmas águas: o desafio da península coreana à administração Biden**
UNITED STATES. [Remarks by President Biden and H.E. Moon Jae-in, President of the Republic of Korea at Press Conference](#). **The White House**, Washington, 21 maio 2021. Acesso em: 28 maio 2021.
HYUN-WOO, N. [Seoul's 'missile sovereignty' comes as double-edged sword](#). **The Korea Times**, Seul, 28 maio 2021. Acesso em: 29 maio 2021.
 - **O papel do Mar do Sul da China nas relações sino-vietnamitas**
ZHENG, S. [Chinese President Xi Jinping calls for greater cooperation with Vietnam after leadership overhaul](#). **South China Morning Post**, Hong Kong, 25 maio 2021. Acesso em: 28 maio 2021.
THAYER, C. [Vietnam-China Relations in 2020 and 2021](#). **Thayer Consultancy Background Brief**, Oxford, 11 dez. 2020. Acesso em: 28 maio 2021.
 - **ASEAN e o golpe em Mianmar: pressão pela redemocratização?**
DHILLON, A.; GRAHAM-HERRISON, E. [Desperate Burmese refugees flee to Thailand and India to escape crisis](#). **The Guardian**, Londres, 03 abr. 2021. Acesso em: 13 maio 2021.
KHARISMA, M. [ASEAN's Next Steps for Ending the Myanmar Crisis](#). **The Diplomat**, Washington, 29 abr. 2021. Acesso em: 13 maio 2021.
 - **A Antártica como laboratório para exploração da Lua e de Marte**
MAIWALD, V. *et al.* [From ice to space: a greenhouse design for Moon or Mars based on a prototype deployed in Antarctica](#). **CEAS Space Journal**, [s.l.], 16 maio 2020. Acesso em: 21 maio 2021.
PULTAROVA, T. [Abundant harvest in Antarctic greenhouse shows promise for moon agriculture](#). **SPACE**, 12 mai 2021. Acesso em: 19 maio 2021.
 - **12ª Reunião Ministerial do Conselho do Ártico: conquistas e novos desafios para a presidência russa**
[Arctic Council Foreign Ministers sign the Reykjavik Declaration, adopt the Council's first Strategic Plan and pass the Chairmanship from Iceland to the Russian Federation](#). **Arctic Council**, Tromsø, 20 maio 2021. Acesso em: 21 maio 2021.
JONASSEN, T. [Russia on Arctic Council Chairmanship: Want to Revive the Military Dialogue Between Arctic States](#). **High North News**, Bodø, 20 maio 2021. Acesso em: 21 maio 2021.
 - **Os desafios com a logística do hidrogênio e os meios para mitigação do CO₂**
SAUL, J. [Too cold to handle? Race is on to pioneer shipping of hydrogen](#). **Reuters**, Toronto, 12 maio 2021. Acesso em: 14 maio 2021.
TORREGROSSA, M. [Engie et Arie veulent développer des bateaux à hydrogène liquide](#). **H2 Mobile**, Vallauris, 16 set. 2020. Acesso em: 14 maio 2021.
Capa: [Liquefied hydrogen transport ship](#).
Por: Kyodo News via Getty Images.
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Making Yemen Bleed – OpEd. Eurasia Review](#), 13 maio 21. Acesso em: 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- VENEZUELA — Crise estrutural: [El Ejército de Venezuela se retira de la zona donde se enfrentó con la disidencia de las FARC en la frontera con Colombia. Infobae](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Regional military intervention in Mozambique is a bad idea. Here’s why. The Conversation](#), 27 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar coup latest: Tatmadaw uses heavy weapons on Karenni. Nikkei Asia](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [How Belarus 'hijacking' has redrawn Europe's air map. CNN](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- CHADE — Crise estrutural: [Chad acusa a RCA de matar a seis soldados chadianos en un "crimen de guerra". Swissinfo](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- COLÔMBIA — Crise estrutural: [“Bogotá no necesita una militarización”: Claudia López. El Espectador](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- EL SALVADOR — Crise política: [Cómo una red de lavado de dinero del régimen de Maduro ayudó a Nayib Bukele a llegar a la presidencia de El Salvador. El Salvador](#), 30 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [US official condemns violence in Tigray, warns of new sanctions. Al Jazeera](#), 27 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [World maritime body wants action on Gulf of Guinea piracy. DefenceWeb](#), 26 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

- ISRAEL E PALESTINA — Tensões na Faixa de Gaza: [Israel’s FM in Cairo discusses Gaza truce, possible prisoner exchange. Al Monitor](#), 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon's Maronite Patriarch accuses state of collusion against the people](#). **Arab News**, 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista na região: [At least 19 people killed in west Niger attack](#). **Al Jazeera**, 18 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• NIGÉRIA — Ataques insurgentes: [Du Nigeria à la RDC, une « épidémie de viols de guerre »](#). **Jeune Afrique**, 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• SÍRIA — Instabilidade regional: [Syria's al-Assad re-elected for fourth term with 95% of vote](#). **Al Jazeera**, 28 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• SOMÁLIA — Instabilidade eleitoral: [Why Is Somalia's Political Crisis So Difficult to Solve?](#). **Fair Observer**, 24 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças entre Rússia e Ucrânia: [US diplomatic signals go unheard in Ukraine](#). **Atlantic Council**, 25 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

► MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO — Insegurança regional: [Ghani: Taliban want to kill me, but I want to hug them](#). **ITVNews.af**, 30 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Tensões entre Grécia e Turquia e ocupação do Chipre: [Greece and Turkey aim to smooth differences, leaders to meet](#). **Reuters**, 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• CÁUCASO — Instabilidade regional:

1. FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito na região de Nagorno-Karabakh: [Armenia says soldier killed in border shoot-out with Azeri forces](#). **Al Jazeera**, 25 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.
2. GEÓRGIA — Protestos da Oposição: [Georgia Opposition Ends Parliamentary Boycott](#). **VOA**, 30 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• HAITI — Crise institucional: [Comisión Bilateral agacha su decisión en un considerando](#). **El Caribe**, 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [Foundation gathering for Libya's national reconciliation commission launched](#). **The Libya Observer**, 30 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Expansão chinesa sobre as regiões: [The Philippines has dramatically boosted South China Sea patrols, data shows](#). **CNBC**, 28 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Chad accuses CAR of killing six of its soldiers](#). **Al Jazeera**, 31 maio 2021. Acesso em: 31 maio 2021.